

**Futuros em gestação:
cidade, política e
pandemia. Conversas
com Ana Luiza Nobre,
Bianca Santana, Fernando
Haddad, Francisco Bosco,
Guilherme Boulos, Laura
Carvalho, Luiz Antonio
Simas, Michael Wesely,
Nuno Ramos, Paola
Berenstein Jacques,
Patrícia Campos Mello,
Raquel Rolnik, Renato
Nogueira, Ronaldo Lemos,
Tainá de Paula, Thiago
Benucci, Tiaraju Pablo
D'Andrea e Vladimir Safatle.
Por Guilherme Wisnik
e Tuca Vieira.**



Rua José Paulino, 19 de abril de 2020, 13:44.



Rua da Quitanda, 21 de abril de 2020, 14:43.



Rua Dom José de Barros, 19 de abril de 2020, 14:52.

Futuros em gestação: cidade, política e pandemia

GUILHERME WISNIK E TUCA VIEIRA (ORGS.)

editora

escola
da cidade

 *wmf*martinsfontes

Para onde ia o mundo no momento em que, de repente, ele parecia não ir mais a lugar nenhum?

GUILHERME WISNIK
25

Dois mil e vinte

TUCA VIEIRA
35

1. Vida de rua, outras formas de coletividade

LUIZ ANTONIO SIMAS
O corpo encantado das ruas
45

PAOLA BERENSTEIN
JACQUES
O anjo da história e a queda do céu
67

2. Processos de descolonização, novas emergências

THIAGO BENUCCI
O jeito yanomami de pendurar redes
93

RENATO NOGUERA
De Frantz Fanon a Black Lives Matter
113

BIANCA SANTANA
Mulheres negras: resistência e cuidado
135

3. Pandemia, práticas de resistência, mundo em espera

ANA LUIZA NOBRE
Espera in/em comum
161

NUNO RAMOS
A destruição minuciosa de tudo
181

FRANCISCO BOSCO
Os paradoxos do horizonte comunitário
201

RONALDO LEMOS
O mundo nunca mais será o mesmo
219

MICHAEL WESELY
Nevoeiros: ontem e hoje
235

4. Cidade, cultura e periferia

RAQUEL ROLNIK
Utopias e distopias urbanas em tempo de pandemia
253

TAINÁ DE PAULA
A necropolítica da periferia mundial
273

TIARAJU PABLO D'ANDREA
A hora e vez da periferia
295

5. Ruptura democrática e o papel do Estado

FERNANDO HADDAD
O país da corda esticada
319

PATRÍCIA CAMPOS MELLO
Política, imprensa e violência digital
341

LAURA CARVALHO
A importância do Estado em tempos difíceis
363

VLADIMIR SAFATLE
Fazer a imaginação social andar para a frente
383

GUILHERME BOULOS
A esquerda na encruzilhada
405

**Para onde ia o mundo
no momento em que, de
repente, ele parecia não
ir mais a lugar nenhum?**

**Guilherme
Wisnik**

Em 2020, com a disseminação da pandemia de coronavírus, começamos a viver um mundo de ponta-cabeça. Realizando de forma surpreendente a profecia mística de Raul Seixas e Claudio Roberto na famosa canção lançada em 1977 (*O dia em que a Terra parou*), “todas as pessoas do planeta inteiro resolveram que ninguém ia sair de casa”. Só que, na canção, era apenas por um dia... Assim, com o fechamento das cidades e das fronteiras, e o crescimento exponencial do número de infectados e de mortos ao longo do ano, o planeta todo

ia parando, estagnado no atoleiro de uma quarentena que ninguém sabia até quando iria durar. Assustadas, as pessoas foram se fechando em casa, em um novo regime de sedentarismo forçado, ao qual também se deu o nome mais agradável de *home office*. Tanto do ponto de vista da vida cotidiana de cada um de nós quanto do ângulo da macroeconomia, tudo se transtornava. E, se a paralisação dos voos no céu do Atlântico Norte dez anos antes, com a erupção do vulcão Eyjafjallajökull na Islândia, tinha causado consequências gravíssimas à economia mundial, e ao modo de vida extremamente acelerado das pessoas no capitalismo tardio e globalizado, agora esses mesmos problemas ganhavam uma outra escala. Mas para onde estava indo o mundo naquele momento tão singular em que, de repente, ele parecia não ir mais a lugar nenhum? Esse é o assunto do livro que aqui apresento.

Na verdade, sabemos que as coisas não se passaram bem assim. Não foram todas as pessoas do planeta que, naquele momento, simplesmente deixaram de sair de casa. Essa condição de proteção, na verdade, foi um sinal de privilégio social. Imensas camadas mais vulneráveis da população mundial não puderam ficar em casa, pois viviam a premissa de ter de correr atrás de trabalho e sustento no mundo real, isto é, fora das possibilidades abertas (apenas para alguns) pela via remota da internet. Ou, mesmo, não tinham condições de proteção em casa, vivendo em espaços exíguos e compartilhados com muita gente. Ou, ainda, em situações mais extremas, não tinham nem sequer uma casa onde se abrigar. Ao mesmo tempo, a opção pela proteção (de si próprios e dos outros) através do confinamento também não foi, muitas vezes, seguida por pessoas que se mostraram negacionistas da ciência e do bom senso, e que passaram a afirmar e a exercer a sua suposta liberdade individual – suicida e assassina – às expensas do bem comum e coletivo, não usando máscaras, fazendo a apologia da aglomeração e, depois, boicotando a vacinação.

Nesse mundo virado de cabeça para baixo muita coisa passou a funcionar estranhamente com sinal trocado. E no caso brasileiro, em especial, um governo claramente genocida, que optou por matar uma quantidade enorme da população do seu país sem qualquer disfarce, continuou a ser tratado como se fosse um governo “normal” – e pior, com chances ainda de se reeleger.

Assim, se na epifania onírica de Raul Seixas algo profundo de repente se revela no modo como a engrenagem da vida cotidiana é quebrada em sua cadeia causal, porque o professor já “não tinha mais nada pra ensinar”, assim como o médico “não tinha mais doença pra curar”, no Brasil real de 2020 o conhecimento dos professores e dos médicos era agora atacado e boicotado por um governo obscurantista que elegeu a “guerra cultural” como uma de suas principais frentes de ação, e que subjugou a ciência à religião, praticando uma eugenia deliberada que levou ao extermínio em massa dos mais vulneráveis. Portanto, se a pandemia de coronavírus parecia inicialmente colocar toda a população mundial em um mesmo barco, reforçando os laços de coletividade e solidariedade contra um inimigo comum, na contracorrente do individualismo capitalista, o que fomos percebendo, à medida que o ano avançava, era que as desigualdades e privilégios aumentavam de forma ainda mais dramática e radical. Havia finalmente um alibi socialmente aceito para se transformar exclusão em extermínio. E, enquanto as ruas estavam vazias e quietas, ou sequestradas pelas forças reacionárias e negacionistas, o milhões de vidas perdidas eram socialmente percebidos como meros números, na frieza impessoal das estatísticas.¹

Se antes o tema de muitos estudos e reflexões sobre os impactos do neoliberalismo no Brasil era o desmonte das

¹ No momento em que escrevo este texto, em agosto de 2021, o total oficial de mortos pela Covid-19 no Brasil é de 577 mil pessoas, enquanto o total mundial é de 4 milhões e 470 mil pessoas.

Organização

Guilherme Wisnik
Tuca Vieira

Coordenação editorial

Editora Escola da Cidade

Projeto gráfico e diagramação

Núcleo de Design Escola da Cidade

Transcrição

Audiotext

Preparação

Otaclio Nunes

Revisão

Elba Elisa Oliveira
Rogerio Trentini

Tratamento de imagem

Humberto Pimentel

Captação de imagem e transmissão

Baú - Núcleo Audiovisual Escola da Cidade 2020

**Sobre o Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea
Escola da Cidade - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo**

Em 2020 e 2021 o Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea aconteceu em modo remoto, coordenado pela arquiteta e professora Beatriz Vanzolini. A equipe de comunicação, o Núcleo de Design e o Núcleo Audiovisual da Escola da Cidade (Baú) foram responsáveis pela divulgação e transmissão do evento, com a contribuição do intérprete de libras Wesley Leal. Os encontros estão disponíveis no youtube, no canal da Escola da Cidade.

Composto em Utopia Std.
Capa impressa em Color Plus Cartagena 180g/m2.
Miolo impresso em Couche Fosco 150g/m2 e Avena 80g/m2.
3000 exemplares.



Este livro é um registro do Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea, realizado há 20 anos pela Escola da Cidade, que já recebeu mais de 800 convidados. O Seminário se caracteriza por debates públicos, coordenados por professores da faculdade de arquitetura, trazendo aos estudantes temas relacionados a desafios contemporâneos, construindo saberes amplos e integrados.

Em 2020, pela primeira vez, a Escola convidou um curador externo, pelo período de um ano, para conduzir as conversas: Guilherme Wisnik, arquiteto e escritor, ex-professor da Escola da Cidade e professor da FAU-USP, chamado a pensar o momento de crise pandêmica e política e assessorado pela professora Beatriz Vanzolini.

O seminário ocorreu no ano em que todas as atividades pedagógicas passaram a ser virtuais. Com isso, o alcance do evento se ampliou enormemente.

***Futuros em gestação: cidade, política e pandemia* reúne dezoito dessas conversas. Organizado por Guilherme Wisnik e Tuca Vieira, o livro propõe, através dos diálogos com os diversos autores, reflexões potentes para um mundo em crise. O livro conta ainda com ensaio fotográfico inédito de Tuca Vieira realizado em São Paulo durante a pandemia de Covid-19.**

editora

**escola
da cidade**

 **wmf martinsfontes**

978-65-86368-23-9



978-85-469-0365-8

